

A tradição nos diz que um fruto foi culpado (e é o que nos dizem as Sagradas Escrituras) de o velho Adão (com Eva) o Éden ter deixado, incentivado por grotescas criaturas...

Não! Não seria a maçã!... (o pomo dourado!) Nem conteria propriedades tão obscuras que o primogênito guiasse ao pecado ou permitissem que Eva ousasse tais loucuras!

Esse pecado foi por Baco sugerido... Que Eva levasse ao seu amor, lá no seu ninho, um bago de uva as salivas espremido...

Foi porque Adão, ao degustar esse carinho e o doce néctar desse suco ser sorvido, se vangloriasse de ter inventado o vinho!...

Revendo o mito, Jaime Pina da Silveira

III Jogos Florais, Caxias do Sul 2012 – UBT Seção Caxias do Sul/Academia Caxiense de Letras – Gentileza de Amália Marie Gerda

Tão pequena pra compor mas imensa em conteúdo! A trova, seja o que for, em quatro versos diz tudo!

Genilton V. de Sá, 1203 Lit.&Arte R Aurora A. Ferreira 171, Ap 702 29090-310 – Vitória, ES

Mi vida llena de amor por ella quisiera verte aunque tenga mi dolor porque mirarte es quererte... Luís Alfredo R. Mazzei

Meu caro amigo, lhe digo que pro homem valentão só existem dois caminhos: cemitério ou prisão.

Humberto Oriá, 1203 Binóculo jbatista@unifor.br

Sou como as uvas pisadas pra fazer vinho e licor que mesmo sendo esmagadas dão de presente o sabor. Manoel C. de Souza Castro

Uma andorinha no ninho, não pode fazer verão, porém duas, com carinho, fazem qualquer estação!...

Izo Goldaman, 0005 Fanal: Rua Alvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo/SP

Siendo tan breve la vida, por qué amargura y dolor? A vivirla nos convida en la dicha y en el amor. Maria Cristina Fervier

Das esmeraldas vou roubar a cor para enfeitar de verde meus caminhos, na brasa acesa de um perfeito amor, colher os beijos que estremecem ninhos.

Aí, então, expulsarei a dor dessa vida sem cor... dos descaminhos, do implacável silêncio assustador no ondulante abismo dos sozinhos.

E quando a solidão se despedir, e o sol do teu amor, doce porvir, dourar a nossa estrada de ternura, em véus de opala a vida há de florir, e dentro dos teus braços, a sorrir, eu te direi, meu bem, isto é ventura!

A cor do amor, Wilma Mello Cavalheiro

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVI, Nº 06 – 2012 JUNHO
Assinatura até 31.12.12: 06 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,75) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Fue en un parque opalescente: siguiendo la mariposa del Amor ¡ay! de repente, me clavé una espina... En eso te vi a mi lado. Si me amas, tú puedes, lánguidamente, quitármela con un beso!

Julio Herrera y Reissig, Los celos, Poesía Completa y Prosas, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

Neste mundo, em que pisamos, tão cheio, de presunção, quão bom, quando deparamos, com quem, nos dá atenção...

Pedro Grilo, 1202 Trinos do Pitiguarí: Rua Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

Tua boca delicada nesse sorriso sem par, parece uva rosada que se deseja apanhar! Selma Patti Spinelli

O amor é como a geleia que brinca de se esconder: é difícil de agarrar; é fácil de se perder!

Silvério da Costa, 1204 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia/CE

Na ternura desta hora queria ter o direito de colher a cor da aurora para enfeitar nosso leito. Wilma Mello Cavalheiro

III Jogos Florais, Caxias do Sul 2012 – UBT Seção Caxias do Sul/Academia Caxiense de Letras – Gentileza de Amália Marie Gerda

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.06.12, enviar até 3 haicus de quigos: Chorão, Semana da Pátria, Tico-tico.
Até o dia 30.07.12, enviar até 3 haicus de quigos: Dia da Amazônia, João-de-barro, Névoa.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

QUIDAIAS DE INVERNO – TEMAS DE INVERNO

Ao tomar café, na colheita do café, quentinho... um gole... Agostinho José G. de Souza

Uma mancha púrpura cruz a rua. Sirenes. Dia do Bombeiro. Amauri do Amaral Campos

Goiabas maduras na goiabeira da estrada: todas bichadas... Darly O. Barros

Mãe vê da janela bela cena no jardim: gurria na garoa. Fabiana Santiago

Ao cair da tarde queda-se ao vento incessante – folha seca ao chão. Iraí Verdan

Que vento gelado chegou outra frente fria com céu nublado. Maria Cecília Sevilleo

Bebê com coriza, inflamação da mucosa. Coçando o nariz. Mª Marlene N. T. Pinto

HAICUS BRASILEIROS EM FOLHA

Camélia em botão assume sem perfume, enfeitar o caixão. Z Alberto Siuffi
Na frente da casa, duas sentinelas brancas – dois pés de camélias. C Amália Marie Gerda
Correio elegante! Chega uma carta de amor... Incontidas lágrimas... P Amália Marie Gerda
Dá água na boca, sobre a mesa, fumegante, um cação assado. C Argemira F. Marcondes

Rapaz tímido recebe correio elegante. Rosto feliz! P Denise Cataldi
Pesa em alto mar. Os pescadores no barco arpoam cação. P Djalda Winter Santos
Em vez de e-mails, escrevo cartas a mão. Correio elegante. P Djalda Winter Santos
Camélias branquinhas formam um lindo buquê. Noiva sorridente. P Djalda Winter Santos

Filé de cação fresco, frito na chapa. Quiosque na praia. A Flávio Ferreira da Silva
Camélia é destaque entre as plantas do jardim. Pedidos de muda. C Flávio Ferreira da Silva
Troca de olhares cúmplices. Garçon colaborou. Correio elegante. Z Flávio Ferreira da Silva
Moça sorri. Mensagem no correio elegante. A Iracema Gomes

Cação, bem temperado. Boa degustação. P Iracema Gomes
Expectativa após a leitura... Correio elegante. C Manoel F. Menendez
Aqui e ali, vai volteando o cação. C Manoel F. Menendez
Pousada no seu galho, a camélia. L Manoel F. Menendez

Flores e cartão, sorridente entregador, correio elegante. C Maria App. Picanço Goulart
Garboso rapaz traz, à lapela, camélia. Dia de casamento. P Maria App. Picanço Goulart
Vivo traz perigo. No prato, mesmo cação, bom para saúde. P Maria App. Picanço Goulart
No jardim, brancura sobre folhas verdes: camélias. C Neuza Pommer

Brilho no olhar, a moça sorri. Correio elegante. C Neuza Pommer
Na rede entre sardinhas, pequeno cação. L Neuza Pommer
Caindo na rede, um cardume de cações – pescador feliz. L Renata Paccola
Diversas mensagens pelo correio elegante para a mais bonita. P Renata Paccola

Jangada no mar. Pescador recolhe a rede. Corcova o cação. L Roberto Resende Vilela
Flores róseas e alvas nas laterais dos canteiros. Rua das Camélias. Z Roberto Resende Vilela
Correio elegante. Menção aos olhos azuis em letras miúdas. C Sérgio Baldan
Último adeus. Ornado por camélias lá vai o caixão. P Sérgio Baldan

N A O M A I S U M A F R E I R A
John Fante 1909-1983 (Mark Twain redivivo?), O vinho da juventude; José Olympio Editora, 2010; Atendimento direto ao leitor: mdireto@record.com.br – Gentileza de Edmilson Felipe

Minha mãe frequentou uma escola secundária dirigida por freiras. Quando terminou o curso queria ser freira também. Minha avó Toscana me contou. Mas vovó e a família inteira não queriam que ela se tornasse uma freira. Disse-ram-lhe que ficava bem para garotas em outras famílias se tornarem freiras, mas não sua filha. O nome de minha mãe era Regina Toscana e era tão santificada que a santidade iluminava seus olhos. Tinha uma imagem de santa Teresa em seu quarto e quando a aborreciam pelo fato de querer ser freira, ficava no quarto dia e noite rezando para santa Teresa.

– Oh, adorada santa Teresa! – orava. – Concedei-me a luz para enxergar o caminho que a senhora traçou para mim, para que eu possa atender ao vosso sagrado desígnio. Visitai-me com a graça santificada em nome de nossa Mãe Santíssima e do Senhor Jesus, amém!

Uma oração e tanto. Mas não adiantava muito porque vovó Toscana ainda dizia “nada feito”. Mandou minha mãe parar de agir como uma bezerra doente e criar algum juízo. Todos falavam assim com ela, tio Jim, tio Tony e vovó e vovó Toscana. Eram gente italiana e não gostavam do modo como ela se portava, porque

os italianos detestam quando suas mulheres não querem se casar. Detestam e acham que há algo estranho nisso. É melhor para as mulheres italianas casarem-se. Então o marido paga e toda família economiza dinheiro. E era assim que conversavam com minha mãe.

Então meu tio Tony teve uma ideia. Certa noite trouxe um homem chamado Pasquale Martello para casa. Tio Tony apresentou-o à minha mãe e teve um palpite de que ela cairia por ele e talvez se casasse e esquecesse daquela história de freira. Minha mãe era uma beleza e eu sei disso, porque temos algumas fotos e pos-

só provar.

Pasquale Martello era dono de um armazém de secos e molhados e era desprezível em matéria de dinheiro, mas também não estava tão interessado numa garota como minha mãe. Ele vendia coisas especiais no armazém, como queijo parmesão, salame e um tipo especial de alho. Vestia-se de maneira berrante, com camisas verdes de listras brancas e gravatas vermelhas. A única razão por que minha mãe saiu com ele foi por ter medo do tio Tony, que apontaria uma confusão se ela não saísse. Em pouco tempo Pasquale Martello apaixonou-se

por minha mãe e tentou convencê-la a casar-se com ele.

Mas ele tinha tantos maus hábitos que minha mãe ficou terrivelmente cansada dele em pouco tempo. Um destes hábitos era comer alho, e seu hábito era algo feroz. Carregava alho num saco em seus bolsos e costumava jogá-lo ao ar e apanhá-lo na boca, do jeito como se come amendoim salgado. Levava minha mãe para diferentes lugares, como Lakeside Park, a pista de dança e o cinema. Por causa do alho era possível sentir sua aproximação a quilômetros de distância. Toda vez que iam ao cinema, as pessoas se levantavam e procuravam assentos mais distantes. E minha mãe queria se tornar uma freira! Era muito embaraçoso para ela. Depois do cinema costumavam sentar-se diante da grande estufa na sala de estar de vovó Toscana e conversar. Era tão estúpido que minha mãe bocejava na sua cara e ele nunca entendia a sugestão de que ela queria ir dormir. tinha de mandá-lo para casa, ou ele continuaria naquela sala de estar, falando.

Toda manhã tio Tony fazia a mesma pergunta. – Ora, ora! E quando vai ser o casamento?

– Nunca – minha mãe dizia. – Não vai haver nenhum casamento.

– Está louco? – tio Tony dizia. – Aquele sujeito tem dinheiro!

– Lamento – dizia ela. – Minha vida segue outra direção.

– Que direção?

– Minha vida é dedicada ao serviço de Nossa Senhora Santíssima.

– Meu Deus! – dizia tio Tony. – Ouviram só essa! Eu desisto!

– Lamento – minha mãe dizia. – Lamento sinceramente.

– *Sangue de la Madonna!* – dizia tio Tony. – E depois de tudo o que fiz por ela! Isso é que é gratidão.

Minha mãe subiu ao seu quarto e ficou lá o dia inteiro até que Pasquale chegou naquela noite. Sempre trazia algo do armazém para minha avó, queijo principalmente e às vezes molho de tomate em grandes latas, ou massa italiana. Vovó Toscana gostava dele principalmente por causa do queijo parmesão, que custava 2 dólares o quilo naqueles dias.

Naquela noite minha mãe disse a Pasquale que não valia a pena, que ele teria de encontrar outra moça porque ela não o amava. Era mesmo louco por ela. Ficou de joelhos, beijou suas mãos e saiu de casa aos berros. No dia seguinte telefonou para o tio Tony e disse que minha mãe tinha fechado as portas para ele e não o deixaria mais voltar.

Tio Tony ficou uma fúria. Voltou do trabalho para casa e infirmizou toda a família. Quando se aproximou de minha mãe sacudiu o punho na sua cara e empurrou-a contra o aparador com tanta violência que ela perdeu o fôlego.

– Sua maluca estúpida! – gritou. – Para que você presta, afinal?

– Lamento, – disse ela.

– Olham só! – gritou. – Ela lamenta!

– Mas eu lamento – disse ela.

Meu tio Tony trabalhava no ramo dos armazéns também, mas sua loja era pequena e não vendia artigos italianos, e ele tinha tudo planejado para quando minha mãe e Pasquale se casassem para fundir sua loja com a de

Pasquale, e então eles arrasariam o mercado. Mas Pasquale nunca mais voltou a casa. Não demorou a casar com uma garota que nem italiana era. Era americana e ele não a amava. Vovó Toscana disse que foi um casamento por despeito. Os italianos fazem isso às vezes. Um casamento por despeito é quando você se casa com outra pessoa para agredir sua verdadeira amada e fazer com que ela se arrependa por não ter casado com você. Mas minha mãe não estava de modo algum arrependida. A história toda a deixava arrepiada.

No norte de Denver existe a igreja de santa Cecília. Era onde minha mãe passava a maior parte do seu tempo. Fica do outro lado da rua diante da escola secundária, uma velha igreja vermelha sem gramado na frente ou nada, apenas a rua, nem mesmo uma árvore à vista. Uma vez fui lá para a Missa de Natal com minha mãe. Foi muito tempo depois que ela se casou. Quero dizer, tinha de ser. A igreja é uma igreja grande e triste e o incenso cheira como minha mãe. É uma igreja sinistra. Me assustou. Fiquei pensando que não tinha nascido e que nunca nasceria.

Minha mãe conhecia todas as freiras em Santa Cecília. Costumava ficar à volta delas e a encarregavam dos altares e ela os decorava com flores. Lavava e passava os panos de linho do altar. Era mais divertido do que se casar. Ficava lá a tarde toda, e tio Jim ou tio Tony tinham de apanhá-la para o jantar. Tio Jim não se importava porque estava a menos de um quarteirão de distância, mas tio Tony protestava com veemência. Achava que a igreja era um monte de

baboseiras.

Dizia: – Em vez de ficar vadiando por aqui o tempo todo, por que não fica em casa e ajuda sua mãe?

Mas minha mãe era uma boa trabalhadora e lhe disse para tomar cuidado com o que dizia. Ela cuidava de lavar e passar toda a roupa na casa e vovó não tinha nenhuma queixa, e de vem em quando ela preparava as refeições, mas não com frequência porque não era boa cozinheira. Sempre fazia seu trabalho antes de ir para Santa Cecília. Seu jardim ficava no quintal de vovó e ela cultivava peônias e rosas para os altares. Tio Tony disse a ela para deixar aquela mania de igreja senão ele destruiria o seu jardim.

– Ora, vá para o diabo!

Como aquilo o deixou zangado! Moças italianas não devem ser desbocadas com seus irmãos. Tio Tony não deixaria passar aquele tipo de coisa.

Por Deus, vou lhe mostrar! – ele disse.

Foi ao galpão do carvão e pegou a pá. Tirou o suéter e com golpes de pá esmagou cada flor no jardim. Aquilo machucou minha mãe. Ela ficou parada na varanda dos fundos, magoada. Era louca pelo jardim e quando o viu destruindo-o agarrou-se à porta e quase desmaiou. Então correu para fora e gritou sem parar. Caiu ao chão dando chutes e socos no ar. Aquilo assustou tio Tony. Chamou vovó. Ela continuou gritando. Tentou levantá-la. Ela gritou e o chutou.

(conclui no próximo número)

Eu queria ser cavalo para você tratar de mim. Você me chamava de Sereio, de Relincho. Você me chamava de amor...

– Mas você sabe o que é o amor?

– É muitas coisas...

Bananeira, plantinha, a chuva forte que cai e molha o milho, o amor está no ar, a gente não vê ele, mas, se a gente chama alguém de amor, o amor fica logo nesse alguém...

O amor

Boiada, por que você deixa te matar? Mas que boba...

Devia dar uma chifrada, uns coices, correr bastante, bastante,

pular a cerca, ir para trás daquele morro, onde tem tanto capim.

Boiada, quando você passava de tarde, os homens gritavam,

se você falasse, dizia:

– Que pena, ninguém viu a boiada.

Boiada, quando você passa aqui, de madrugada, eu ouço a gritaria,

se você falasse, dizia:

– Não matem a boiada, não matem a boiada.

A boiada

Oh, mar que me dá banho, oh, mar que me dá mergulho. Por que você leva a gente para o fundo de você?

Quando a onda se debruça você faz assim: tché...

Quando ela debruça, nasce.

Mas chega na areia e morre. Deus ia morrer velhinho mas o Judas o matou.

Então ele faz as ondas, por que Deus é o rei do mar.

Minha mãe entra no mar, que ele vai ficar contente.

Eu sou um lado a concha, e você é o outro lado.

Eu queria ter a mão tão grande para pegar todas as conchas do mar.

As conchas do mar

Água, você é bonita, branquinha, leve, limpa,

você serve para tudo,

para lavar nossa roupa, tirar o quente da gente...

A água

O Paulinho aprendeu a fazer enterros. O da borboleta ele fez cedinho, mas ficou todo estragado, enterro cheio de terra.

Eu só botei um galhinho e ele não pôs nenhum,

até parecia que a borboleta tinha feito um ano.

Paulinho fez uma casa, mas o vento desmanchou,

Teodoro deu um chute e atrapalhou.

Mas o enterro da esperança foi um enterro pequenininho,

teve uma porção de flores, hortênsias, rosas e cravos,

Paulinho bateu o sino Bem-bão, bem-bão.

O enterro da esperança

Eu ia andando num mato escuro, lá longe vi uma luz.

Cheguei, era uma casa. Bati, era a casa do gigante.

Mas era um gigante tão pequenininho, que eu atirei uma bola de gude em cima dele e ele caiu no chão.

O gigante

Eu despenco uma roseira em cima de mim e tomo um banho de rosa; eu fico toda bonita, e aí ninguém consegue fazer um retrato meu faz, desmancha, faz, desmancha.

Eu peço para o Roberto subir em cima da árvore e ir catando as florzinhas,

e jogar todas em mim; eu fico toda cheirosa,

eu tomo um banho de flor, isso é meu pó de arroz.

O banho da rosa

O céu não para nunca, a gente pode até subir no alto da montanha,

ir lá no fim do mar, que a gente não encosta a mão no céu, porque o céu não para nunca.

O retrato de Deus

Os homens pescam peixes e conchas, mas não adianta, porque o mar faz nascer tudo de novo.

Muito mais.

Os homens e o mar

Beatriz que alegria é poder lhe dar bom dia, acho graça em seu sorriso trazendo para todos poesia, reflexo do sol nos cabelos incendeia o paraíso zodiacal sinfonia.

Aparecem com você régias frutas perfumosas romãs, maçãs, mangas rosas, uvas, peras, sapatís, deliciosas goiabas arrudas comendo caqui.

Beatriz Arruda

Toquem os tambores na selva e na cidade fim à ilusão.

Faça-se a verdade.

Toquem os tambores o toque de alegria dando saúde e paz dia e noite, noite e dia.

Toquem os tambores o toque da magia.

Toquem os tambores o toque da energia, tam tam.

Tambores

Toquem os tambores abram-se os caminhos mais amor e mais vibrem os tambores.

Fim de toda a guerra existente nesta terra.

carinho

Cavalinhos num jornal etc. e tal correm atrás dos tempos nos classificadros, uns esfumacados,

alguns esfaimados, outros até prateados, mas todos desempregados.

Correm sem cansaço animados, desenhados, feito cavalos de aço no tempo e no espaço, empregados correndo na vida desclassificados.

Classificados

Nessa breve corrida ninguém perde a vida, cavalos flamengos, cavalos piratas, cavalos ciganos...

De crinas ao vento, de tão leves patas.

Sem sair do lugar,

não podem parar: galopam, galopam, sem nunca chegar.

Cavalos flamengos

Pode ser ou não ser que eu te veja hoje ou amanhã.

Pode ser ou não ser que o espaço que persiste se transforme ou se desmanche num abraço entrelaçado, em suspiros em sussurros, em carícias em afagos, é só querer, é só pedir, é só dizer.

Pode ser ou não ser que eu te veja hoje ou amanhã.

Pode ser ou não ser que você me beije, me fale, me caleb e depois prossiga e me diga

que me ama, que me adora, que me chama, que me implora, e que eu me consuma no seu beijo, e me queime em seu desejo num inferno ou paraíso.

Pode ser ou não ser que você me diga adeus com um sorriso sem palavras, sem saudades, sem amor, sem compromisso.

Pode ser ou não ser

Sou feita pro amor, sou feita de flor, sou carne, sou osso, sou sexo, sem nexo.

Sereia do mar;

saí pra roubar, naufrágios perdidos. No tempo infinito, em céu tão bonito, sou feita pro amor.

Cavalos de asas de patas douradas que come e bebe, que joga com sorte, sou feita pro amor.

Sou boca encarnada, banhada de beijos, molhada em orvalho, em belos gracejos, sou feita pro amor.

Sou olhos de um verde, de folha das hortas.

Sou roda na vida, sou viva, sou morta.

Sou como sou

